

“AS COISAS QUE A GENTE FALA”: UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Samara Cornélio Fernandes dos Santos¹
Joseclécia Martins Santos Nunes²
José Eric da Paixão Marinho³
Julieta Vilar Medeiros⁴
Sioneide da Paixão Norberto⁵

RESUMO

O presente trabalho possui como principal objetivo apresentar uma proposta de leitura a partir de uma sequência didática para o ensino fundamental na tentativa de contribuir para a formação de alunos leitores. À vista do supracitado, a perspectiva adotada nessa proposta de leitura é a de possibilitar aos alunos discussões e reflexões sobre o poder da fala e suas possíveis influências a partir da realização da leitura do livro ‘Coisas que a gente fala’, escrito por Ruth Rocha e ilustrado por Mariana Massarani. Além disso, visa-se desenvolver competências e habilidades relacionadas ao exercício da linguagem e estimular práticas leitoras. Para guiar o desenvolvimento da presente pesquisa, fundamentamo-nos, principalmente, em estudos que versam acerca de conceitos e estratégias de leitura, como Kato (1995), Martins (1997), Solé (2014) e Sousa (2017), sequência didática com Schneuwly, Dolz e Noverraz (2004), e letramento literário, em Cosson (2021). Para alcançar os objetivos almejados, a metodologia adotada observa a realização de uma sequência didática voltada para um trabalho de leitura com o gênero poema direcionado aos alunos do 5º ano dos anos iniciais do ensino fundamental. A sequência está organizada em seis etapas de execução, as quais contemplam aspectos de leitura, oralidade, estudo do gênero, análise linguística e produção textual.

Palavras-chave: Leitura; Sequência didática; Formação de leitor.

INTRODUÇÃO

Ao refletirmos acerca da língua materna e no processo de aprendizagem para os anos iniciais do ensino fundamental não podemos deixar de destacar a leitura como principal ponto norteador desse processo. Portanto, deve-se pensar em uma prática pedagógica que esteja

¹ Mestranda do Curso de Linguística e Ensino da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, samaracornelio@hotmail.com;

² Professora de Educação Básica na Prefeitura Municipal de João Pessoa - PMJP, josecleciamsn@gmail.com;

³ Doutorando do Curso de Linguística da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, eric_11jp@hotmail.com;

⁴ Mestranda do Curso de Linguística e Ensino da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, julietavilarmedeiros@gmail.com;

⁵ Mestra pelo Curso de Linguística e Ensino da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, sioneidenorberto@gmail.com.

voltada para a formação de sujeitos leitores.

Nessa linha de pensamento, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) compreende a centralidade do texto, seus contextos e o seu uso de maneira significativa nas atividades de leitura. Logo, a

Leitura no contexto da BNCC é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais. (BRASIL, 2018, p. 70)

Nesse contexto, o ensino da leitura vai para muito além da decodificação de um texto escrito, dado que devemos levar em consideração a nova realidade que estamos inseridos, na qual cercados de textos multimodais presentes em nosso cotidiano.

Por essa razão, o objetivo deste manuscrito é apresentar uma proposta de leitura a partir de uma sequência didática na perspectiva de contribuir para a formação de leitores.

Nesse sentido, fundamentamos nossas considerações teóricas, principalmente, em estudos sobre conceitos e estratégias de leitura, em Kato (1995), Martins (1997), Solé (2014) e Sousa (2017) e letramento literário, em Cosson (2021).

Com essa proposta de leitura, visa-se possibilitar aos alunos discussões e reflexões sobre o poder da fala e suas possíveis consequências, a partir da realização da leitura do livro ‘Coisas que a gente fala’, escrito por Ruth Rocha e ilustrado por Mariana Massarani. Além disso, busca-se desenvolver competências e habilidades ao exercício da linguagem e estimular práticas leitoras. Por isso, a sequência didática está organizada em seis etapas que contemplam leitura, oralidade, estudo do gênero, análise linguística e produção textual.

METODOLOGIA

Na presente proposta, tomamos como campo para a aplicação do produto de pesquisa uma escola municipal da cidade de João Pessoa, que atende alunos dos anos iniciais do ensino Fundamental. A proposta de intervenção, que será explanada no próximo tópico, foi desenvolvida para turmas do 5º ano fundamental, dada a importância desse período para a formação leitora dos educandos.

Pensando nos objetivos lançados, tomamos como para fins investigativos a pesquisa-ação para que o objeto proposto no estudo possa ser vivenciado de forma direta, uma

vez que se pretende promover uma transformação através de uma intervenção, a qual se consiste de uma sequência didática em que se trabalha com o gênero poema.

Por meio do trabalho com esse gênero, buscamos aprimorar práticas de leitura, além de promover uma reflexão acerca das estruturas dos gêneros e a importância do contexto cultural no qual o educando se faz presente.

Por esse motivo, a importância deste trabalho apresenta-se na sua discussão epistemológica no que concerne aos eventos de letramento e na contribuição com ferramentas pedagógicas para escola na formação de leitores.

REFERENCIAL TEÓRICO

O ensino da língua portuguesa promove muitos desafios e reflexões, entre eles está o ensino de leitura. Nessa acepção, muitos docentes, o que inclui os produtores deste manuscrito, perguntam-se: “Como podemos estimular o nosso aluno para o gosto da leitura?”. Para Sousa (2017, p. 213) “o papel do professor é ensinar a ler e demonstrar em sua prática de leitura o prazer que ele (professor) tem em ler”. Portanto, o educador, nessa perspectiva, não toma como ponto de partida o ato de ensinar o gosto pela leitura, pois este não faz parte do ensino, mas sim de um aprendizado, dado que aprende-se com o exemplo.

É na leitura que se produz sentido através de um diálogo entre o autor e o leitor e seus conhecimentos de mundo. Para Cosson (2021, p. 36), “a leitura é uma competência individual e social, um processo de produção de sentidos que envolve quatro elementos: o leitor, o autor, o texto e o contexto”, no qual devemos levar em consideração esses quatro elementos no processo de ensino-aprendizagem.

A prática docente ainda traz consigo o reflexo de um ensino tradicional em que aprender a ler se limitava em apenas decodificar os signos. Nesse quadro, torna-se primordial a ação do professor coerente aos desafios presentes na realidade da sala de aula. Para Martins (1997, p. 30),

seria preciso, então, considerar a leitura como um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem. Assim, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido.

Desta forma, a visão e compreensão de leitura é ampliada ultrapassando limites impostos pelas instituições, na busca pela formação integral do leitor que o capacite para o convívio e interação com as diversas esferas da sociedade.

Nesse sentido, Martins (1997, p. 31) destaca que dentre as diversas concepções vigentes sobre leitura podemos sintetizá-las em duas caracterizações:

- 1) como decodificação mecânica de signos linguísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta (perspectiva behaviorista-skinneriana);
- 2) como processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, filosóficos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológica).

A autora ressalta ainda que algumas investigações interdisciplinares apontam a segunda concepção como a que propicia uma abordagem mais ampla e mais aprofundada da temática.

Desse modo, ao se trabalhar com a leitura, deve-se analisar bem quais estratégias mais adequadas para a compreensão leitora, na qual se leva em consideração o que deve ser abordado antes, durante e depois da atividade de leitura do texto, posto que apenas a decodificação sem compreensão é irrelevante e a compreensão sem decodificação não é possível.

Sobre compreensão do que se lê, Kato (1995) apresenta dois tipos básicos de processamentos de informação na área de compreensão e leitura, duas concepções radicalmente opostas: a hipótese ascendente (dependente do texto) e a hipótese descendente (dependente do leitor). Na primeira, a compreensão está centrada na estrutura do texto e a segunda no conhecimento prévio do leitor.

Solé (2014, p. 121) traz algumas reflexões sobre a leitura que podem contribuir para o processo de ensino e aprendizagem: o ato de ler como uma atividade “voluntária e prazerosa”; diferenciar o momento de leitura deleite do momento de leitura para outras finalidades; o professor deve dar o exemplo mostrando ser um leitor para os alunos; não trabalhar a leitura como uma atividade competitiva; trabalhar diferentes situações de leitura como oralidade, no coletivo, compartilhada, individual e silenciosa; e pensar na complexidade da leitura.

A motivação é o ponto de partida para iniciar a aula de leitura, considerando o conhecimento prévio dos alunos. Saber o porquê da leitura, qual o seu objetivo, é outro ponto importante para a compreensão do texto.

Para cada leitura, exige-se competências e estratégias diferentes. Nesse sentido, Solé (2014) pontua alguns objetivos importantes para serem considerados em situações de ensino, ler para: obter uma informação precisa; seguir instruções; obter uma informação de caráter geral; aprender; revisar um escrito próprio; obter prazer; comunicar um texto a um auditório;

praticar a leitura em voz alta; e verificar o que se compreendeu. Desta forma, é importante colocar em prática esses objetivos e tornar os alunos capazes de identificar e utilizar cada um deles de acordo com seus interesses.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

A obra “As coisas que a gente fala”, de Ruth Rocha, foi publicada pela primeira vez em 1989. Na publicação, a escritora explica como é importante o cuidado com as coisas que a gente fala, visto que, uma vez falado, independente se o que for dito seja verdade ou mentira, as palavras alcançam proporções e interpretações diversas.

Por meio da personagem Gabriela, uma menina que quebra o vaso predileto da mãe dela e põe a culpa no menino Filisteu, que é o filho do vizinho, a mensagem é passada. A atitude de Gabriela gera uma grande confusão que possibilita discussões sobre ética nos relacionamentos e as consequências das coisas que a gente fala.

Na etapa 1, realizar antes da leitura a exploração da capa e os elementos que a compõem, levantando o conhecimento prévio dos alunos através da predição. Esta etapa é importante para trabalhar a leitura de imagens e levantar hipóteses. De acordo com a habilidade de código EF15LP02, presente na BNCC, esse trabalho propicia “estabelecer expectativas em relação ao texto que vai ler [...] confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos, checando a adequação das hipóteses realizadas.”. (Brasil, 2018).

Na segunda etapa, busca-se a apreciação da leitura do texto aborda o campo artístico-literário através da leitura e escuta compartilhada da obra, o que contempla a habilidade de código EF35LP23: “Apreciar poemas e outros textos versificados, observando rimas, aliterações e diferentes modos de divisão dos versos, estrofes e refrões e seu efeito de sentido.”. (Brasil, 2018)

Na etapa 3, explora-se o gênero textual poema, com a leitura compartilhada do texto observando a estrutura, as rimas, as aliterações e os seus efeitos de sentido. Neste momento, trabalha-se a forma de composição de textos poéticos através da análise linguística/semiótica (ortografização), abordando a habilidade de código EF35LP31: “Identificar, em textos versificados, efeitos de sentido decorrentes do uso de recursos rítmicos e sonoros e de metáforas” (Brasil, 2018).

Na quarta etapa, no campo da vida pública, trabalha-se com a oralidade, propondo a brincadeira do telefone sem fio, o que propicia aos educandos uma reflexão sobre fofoca,

mentiras, notícias falsas e as suas consequências. Nessa sessão, contempla-se a habilidade de código EF05LP19: “Argumentar oralmente sobre acontecimentos de interesse social, com base em conhecimentos sobre fatos divulgados em TV, rádio, mídia impressa e digital, respeitando pontos de vista diferentes.”. (Brasil, 2018)

Na etapa 5, propõe, como estratégia de leitura, a formação de grupos para a identificação de palavras polissêmicas no texto, esta atividade contempla as habilidades de códigos EF35LP05 - “Inferir o sentido de palavras ou expressões desconhecidas em textos, com base no contexto da frase ou do texto” - e EF04LP03 - “Localizar palavras no dicionário para esclarecer significados, reconhecendo o significado mais plausível para o contexto que deu origem à consulta” (Brasil, 2018).

Na etapa 6, como fechamento, propor uma produção de texto com temas geradores: a mentira, a notícia falsa e/ou a ética nas relações interpessoais, levando em consideração a habilidade de código EF35LP07: “Utilizar, ao produzir um texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais, tais como ortografia, regras básicas de concordância nominal e verbal, pontuação (ponto final, ponto de exclamação, ponto de interrogação, vírgulas em enumerações) e pontuação do discurso direto, quando for o caso.” (Brasil, 2018)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como proposta metodológica para o desenvolvimento do trabalho, elaboramos uma sequência didática (SD). De acordo com Bernard Schneuwly, Joaquin Dolz e Michelle Noverraz (2004, p. 97), a SD é definida como “[...] um conjunto de atividades escolares organizadas de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”, neste processo também estão presentes as atividades para leitura.

Diante das novas demandas de ensino, elaboramos uma sequência didática voltada para o trabalho de leitura com o gênero poema e direcionada aos alunos do 5º ano dos anos iniciais do ensino fundamental. Para tanto, a obra escolhida foi “As coisas que a gente fala”, escrita por Ruth Rocha e ilustrada por Mariana Massarani.

A sequência didática está dividida em seis etapas e contempla leitura, oralidade, estudo do gênero, análise linguística e produção textual.

Etapa 1: Antes da leitura

Nesta etapa da sequência, são levantadas as hipóteses sobre a história, observar-se o

título e a composição da capa, na tentativa de estabelecer relações com o conteúdo. Pode-se, neste momento inicial, apresentar a biografia de Ruth Rocha, com ênfase nas suas principais obras e importância para a literatura.

Explorar a ilustração da capa e o título aguça a imaginação e estimula a leitura da obra.

Figura 1⁶: Capa do livro



Fonte: fotografia de arquivo pessoal

Para realizar esse processo, levantar questionamentos como:

- 1- Quem já leu alguma história escrita por Ruth Rocha?
- 2- Alguém já conhece essa obra?
- 3- Observando a ilustração da capa você imagina que história pode vir no livro?
- 4- No título, tem pistas para imaginar a história?

Etapa 2: Leitura

Nesta segunda etapa, é realizada a leitura do texto “As coisas que a gente fala” e discutidas as questões suscitadas a partir da história.

A proposta é que a leitura seja realizada pela professora para escuta dos alunos. Por isso, é importante observar entonação e ritmo por se tratar de um poema. Após a leitura, propor que os alunos falem sobre as impressões sobre o texto.

Lançar questões como:

- 1- Alguém já vivenciou uma situação parecida com a de Gabriela, personagem da

⁶ ROCHA, R. As coisas que a gente fala. 1ª ed. Editora Salamandra, 2012.

história?

- 2- O que vocês acharam das atitudes de Gabriela?
- 3- O que Ruth Rocha quis dizer com as palavras voam como borboletas?
- 4- O que aprendemos com essa história? Como podemos usar no nosso dia a dia?

Etapa 3: Gênero textual

Na terceira etapa, retomar o texto “As coisas que a gente fala” e pedir que os alunos observem a estrutura do texto, as rimas, as aliterações e os seus efeitos de sentido.

Solicitar a releitura do poema, agora de forma compartilhada. Cada aluno pode escolher a estrofe que deseja ler. Solicitar que eles identifiquem as rimas e aliterações.

Etapa 4: Oralidade

Na quarta etapa, propor a brincadeira do telefone sem fio para que os alunos experimentem a confusão estabelecida pela compreensão distorcida das coisas que a gente fala.

A brincadeira consiste em colocar os alunos em fila e solicitar que o primeiro aluno fale uma frase curta no ouvido do segundo e este deverá repassar para o terceiro da fila e assim sucessivamente até o último. Quando chegar no último aluno, este deverá dizer em voz alta a frase que escutou.

Ao final da brincadeira, iniciar uma conversa sobre a experiência e pedir que os alunos relacionem com o texto “As coisas que a gente fala”, de Ruth Rocha.

Etapa 5: Análise linguística

Nesta etapa, a proposta é identificar no texto o caráter polissêmico das palavras (uma mesma palavra com diferentes significados, de acordo com o contexto de uso). Formar grupos de até quatro alunos e solicitar que encontre no texto “As coisas que a gente fala” palavras que configuram o caráter polissêmico. Após a pesquisa no texto, solicitar que os grupos criem uma lista com as palavras encontradas e seus significados de acordo com o uso no texto.

Etapa 6: Produção de texto

Na última etapa da sequência didática, propor uma produção textual. Usar como temas geradores: a mentira, a notícia falsa e/ou a ética nas relações interpessoais. Ao final da produção escrita, revisar os textos dos alunos e junto com eles fazer cortes, acréscimos, reformulações, correções de ortografia e pontuação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo discutiu o ensino de leitura e propôs uma sequência didática voltada para a formação de leitores a partir do gênero poema. Nesse escopo, julgamos importante trabalhar a leitura em sala de aula, visto que ela faz parte do contexto comunicativo dos estudantes. Por esse motivo, essa sequência foi pensada para aprimorar as competências de leitura e consequentemente de escrita.

As etapas da SD foram construídas com o intuito de proporcionar atividades prazerosas que levem a formação de leitores autônomos, críticos e reflexivos, e, principalmente, que os alunos adotem a leitura como prática cotidiana.

Por fim, podemos ressaltar que optar por SD como ferramenta de ensino favorece a aprendizagem dos alunos, dado que permite o desenvolvimento das atividades de forma gradual e dinâmica, uma vez que sua estrutura permite inclusão ou exclusão de atividades de acordo com os resultados durante o seu processo.

Explorar a leitura, oralidade, estudo do gênero, análise linguística e produção textual em atividades sequenciadas gradualmente e, em conjunto, traz aprendizagem significativa aos alunos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

COSSON, R. **Círculos de Leitura e Letramento Literário**. São Paulo: Contexto, 2021.

KATO, Mary. **O aprendizado da leitura**. Quarto Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

SCHNEUWLY, B; DOLZ, J; NOVERRAZ, M. Sequências Didáticas para o Oral e a Escrita: Apresentação de um Procedimento. In: **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura** / Isabel Solé; tradução: Claudia Schilling; revisão técnica:



Maria da Graça Souza Horn. – 6. ed. – Porto Alegre: Penso, 2014.

SOUSA, M. E. V. Histórias de acesso à cultura escrita: memórias de sujeitos leitores. In: SOUSA, M. E. V. (Org.) **Leitores, suportes, espaços e práticas de leitura da cultura escrita**. João Pessoa. Editora da UFPB, 2017.